

“Purposed action never act to be” ou *A Vision in a Dream*: Interrupção e Criação Literária

Gonçalo Santos Dias

(IELT – Instituto de Estudos de Literatura e
Tradição da NOVA FCSH)

S seja na poesia ou em textos de reflexão teórica, a temática da “interrupção” manifesta-se de forma recorrente, podendo ser elevada a conceito no seio da obra pessoana. Quer motivada por fatores externos, quer pelo próprio eu, este conceito sofre um movimento de internalização extremo, através do qual a autoconsciência se torna aparentemente paralisante. Porém, a interrupção de uma (tentativa de) ação ou da construção de um pensamento elevado toldado pelas vicissitudes da vida quotidiana, como o autor aborda em 35 *Sonnets*, ou da expressão ou criação poética e artística, como reflete no texto “O homem de Porlock” revisitando o prefácio do poema “Kubla Khan” de S. T. Coleridge, constituem tanto entrave como condição indispensável para a construção da obra poética. Aliás, também a carta a Adolfo Casais Monteiro datada de 13 de janeiro de 1935¹ expressa uma série de interrupções no processo de criação heteronímica que se torna essencial para a conceção do “drama em gente”. A interrupção opera, assim, em dois planos: em primeiro lugar, num plano universal como aporia ontológica que

1. Fernando Pessoa, “Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935”. *Correspondência 1923-1935*. Ed. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999. 342-343.

afeta toda ação humana e, portanto, toda a expressão; em segundo lugar, num plano interno à obra, convertendo-a em matriz estética e estrutural, tornando-se princípio programático que culmina não só numa poética de interrupção e em fragmentariedade lírica, mas que se reflete também na própria construção do sistema poético de Pessoa.

Neste sentido, o presente ensaio propõe uma articulação hermenêutica entre os sonetos V e IX do opúsculo 35 *Sonnets*, publicado em 1918, nos quais é abordada uma ideia de ação permanentemente interrompida – uma “purposed action never act to be” (v.4, soneto IX²) –, e o texto “O homem de Porlock”, publicado no semanário *O Fradique* em fevereiro de 1934, que “dá corpo a uma concepção de poesia lírica como *interrupção*”. (Santos 247) Neste ensaio literário, o símbolo do visitante inesperado que acorda Coleridge da sua “visão em sonho”, o homem proveniente de Porlock, é reinterpretado por Pessoa como uma figura que transcende a sua origem para se tornar alegoria interna do processo criativo, do qual resultam apenas fragmentos.³ Este resultado atormenta o sujeito, impedindo-o de alcançar a unidade orgânica (na aceção aristotélica) que tanto almeja para o objeto escrito.

Pretende-se, assim, demonstrar como a interrupção se manifesta tematicamente nos sonetos enquanto obstáculo e condição para a ação e como Pessoa reconfigura essa mesma condição, adquirindo um estatuto programático. A análise seguirá, portanto, um percurso dialógico, evidenciando em que medida a transformação conceptual é decisiva para entender tanto os sonetos quanto o ensaio, tendo Coleridge como ponto de partida. Irão estabelecer-se temáticas e preocupações comuns através de uma interpretação dos sonetos lado a lado com passagens de “O homem de Porlock”.

2. Todas as citações dos sonetos são retiradas da edição de João Dionísio, pelo que apenas se fará referência ao verso e ao soneto citados no corpo do ensaio. Ver Fernando Pessoa, *Poemas Ingleses*. Vol. V, Tomo I. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Ed. João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

3. Sobre “O homem de Porlock” enquanto expressão de uma teoria do fragmento ver Jerónimo Pizarro, “Pessoa e Borges, leitores de Coleridge”. *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática, 2013. 99-111.

Os sonetos V e IX e o ensaio de Pessoa, tal como é possível encontrar em autores latinos ou da tradição anglo-americana,⁴ transmitem uma ideia de interrupção que é simultaneamente obstáculo e “condição necessária, ainda que lamentável, de qualquer ato da escrita” (Sepúlveda 83) ou, simplesmente, de qualquer ato. É o que Maria Irene Ramalho de Sousa Santos conceptualiza como interrupção política,⁵ interrupções externas derivadas do mundo invariavelmente social em que o ser humano e, por conseguinte, o poeta, se situa, que permite ao poema de Coleridge ter existência material ainda que incompleta ou fragmentária: “Embora Coleridge insista que o poema não existe realmente porque ele, o poeta, foi interrompido (...), a verdade é que, sem o homem de Porlock a trespassar esse limiar, o poema não existiria mesmo”, (Santos 245) tal como as considerações que Pessoa tece nos sonetos.

No ensaio literário que publica em *O Fradique*, Pessoa narra a história contada por Coleridge no prefácio do poema “Kubla Khan”, “como se a estivesse a descrever para um público português que a desconhecesse”. (Castro 64) Na realidade, o mais provável é que grande parte deste público desconhecesse Coleridge e a história da concepção do poema, o mesmo público que seria incapaz de ler ou de reconhecer valor nos sonetos pessoanos: “Pessoa sabia perfeitamente que, no seu tempo, e entre os seus amigos ou possíveis críticos, não havia, ou quase não havia, quem lesse inglês (...)”. (Sena 333) Neste prefácio, Coleridge informa que compôs o poema em sonho. Após ter adormecido, apareceram-lhe as imagens e respetivos versos que foi redigindo em estado onírico. Ao acordar, o autor começa a transcrevê-los de memória para o papel, mas é interrompido “quando lhe foi

-
4. No artigo “Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna”, Maria Irene Ramalho de Sousa Santos apresenta um conjunto de exemplos das tradições latina e anglo-americana em que este gesto de interrupção da criação poética se manifesta. Para o propósito deste ensaio, destaco o poema “Una Playa Sin Fin” da poetisa venezuelana Hanni Ossot, sobre o qual Sousa Santos afirma: “a interrupção surge neste poema como, simultaneamente, o problema e a solução do poeta.” (239)
 5. “Pelo ‘político-que-interrompe’ entenda-se aqui a estrutura *naturalizada* da sociedade ocidental que dá forma às vidas das pessoas e as condiciona, e, ao mesmo tempo, o modo como as pessoas são levadas a perceber e a experienciar a sociedade”. (*Idem* 237)

anunciada a visita de ‘um homem de Porlock’”. (Pessoa, “Porlock”⁶) Após a partida deste visitante, Coleridge esquece-se de parte do poema. Tinha redigido as trinta linhas iniciais, é interrompido, e apenas consegue ainda transcrever os últimos vinte e quatro versos, resultando assim em “fragmento ou fragmentos”, (*ibidem*) de uma unidade inconcretizável como aliás indica o título completo do poema, “Kubla Khan: Or, A Vision in a Dream”, e logo abaixo como subtítulo “A Fragment.” (Coleridge 219)

Ao contar a história de Coleridge, Pessoa faz mais do que traduzir um exemplo: ele procede a uma resignificação do episódio. O homem de Porlock deixa de ser apenas figura externa. Em Pessoa, o visitante transforma-se em metáfora da divisão interna do sujeito criador e, a partir daí, adquire um estatuto conceptual próprio, distinto de uma ideia imediata de interrupção.

Esta interrupção da criação poética surge também em 35 *Sonnets* como conceito de âmbito geral, na medida em que, através de incessantes construções antitéticas e paradoxais que ascendem a um plano metafísico de tensão irresolúvel, o autor reflete acerca da própria natureza existencial da ação que é reiteradamente interrompida, tal Coleridge, e, consequentemente, todos os poetas, de acordo com a sua teorização.

Assim, passemos agora à análise da interrupção em 35 *Sonnets* enquanto expressão de uma tensão entre vontade e inércia, isto é, da forma como atua como obstáculo metafísico a toda a ação em articulação direta com o ensaio “O homem de Porlock”, com o objetivo de mostrar como esse dado existencial adquire uma formulação teórica e alegórica que interioriza o interruptor e o eleva a princípio poético, já indiciado nos sonetos. Por fim, abordar-se-á sucintamente a forma como os heterónimos existem em função de um processo de interrupção.

6. As citações do ensaio “O homem de Porlock” são retiradas da seguinte referência: Pedro Sepúlveda, Ulrike Henny-Krahmer e Jorge Uribe (eds), “O homem de Porlock”. *Edição Digital de Fernando Pessoa. Projetos e Publicações*. Lisboa/Colónia: IELT/CCeH, 2017-2024. Versão A3.0.0-C2.1.1 pessoadigital.pt/pub/Pessoa_O_homem_de_Porlock/diplomatic-transcription DOI: 10.18716/cceh/pessoa. Consultado em 20 de dezembro de 2025. Por conseguinte, o corpo do texto terá apenas a indicação Pessoa, “Porlock”. As citações encontram-se na ortografia original.

"How can I think, or edge my thoughts to action, / When the miserly press of each day's need / Aches to a narrowness of spilled distraction" (vv. 1-3, soneto V) é a questão que angustia o sujeito poético ao longo de todo o quinto soneto. Estes versos refletem explicitamente um processo de interrupção que não permite a concretização de um pensamento ou de uma ação ("task" [v.5, soneto V]), que o leitor descobre mais tarde ser "the task / My soul was born to think that it must do" (vv. 5-6, soneto V). O soneto não esclarece explicitamente a que tipo de ação se refere, podendo ser interpretado como ato criativo ou de criação, no qual se inclui a escrita, autorizando a sua interpretação como uma possível arte poética. Esta tentativa de agir culmina somente num bloqueio existencial que impede o sujeito poético de alcançar a realização plena – a unidade. A ação é, portanto, interrompida pelas exigências do quotidiano que forçam o eu a afastar-se do seu verdadeiro propósito. A este respeito, Mariana Gray de Castro afirma:

O homem de Porlock de Coleridge é geralmente considerado como sendo um símbolo para as obrigações do mundo exterior, que transtornam o mundo criativo, ou seja, para os problemas triviais do dia-a-dia que impedem o poeta de acabar a sua obra. Pessoa, numa correção originalíssima, transforma-o em símbolo do mundo interno do próprio poeta. (65)

Parece, então, que a primeira quadra do soneto V remete para um nível inicial externo da ideia de interrupção, ou seja, para o homem de Porlock de Coleridge na forma como a crítica o lera habitualmente, e que Pessoa reinterpreta, trazendo-o para o "mundo interno".

Na senda da aceção porlockiana, sem ainda o ser, o conceito assume novos contornos na segunda quadra do soneto. Já não se trata aqui das exigências do dia-a-dia, mas antes de uma necessidade interior de um pensamento, imposta por cada instante – "When every moment has a thought to ask / To fit the immediate craving of its cue?" (vv. 7-8, soneto V). Neste passo, denota-se uma interiorização inicial da interrupção, que, apesar de tudo, é ainda motivada por um fator externo. Como afirma Castro, no ensaio dá-se um movimento

“maravilhosamente original [de] interpretação deste símbolo”, (65) no qual Pessoa vê o homem que interrompe Coleridge na reminiscência do poema de gênese onírica como algo que chega “de dentro, ‘o Homem de Porlock’ o interruptor imprevisto. Tudo quanto verdadeiramente pensamos e sentimos, tudo quanto verdadeiramente somos, sofre”. (Pessoa, “Porlock”) Aqui, tal como no soneto, a interrupção internaliza-se.

Esta consciencialização de que a interrupção surge de dentro atinge um plano metafísico⁷ na última quadra do soneto à qual a descrição pessoana da construção do “quase-poema” que é “poema” (*ibidem*) não escapa. Este “Além” ou “Oriente impossível, mas que o poeta positivamente viu” (*ibidem*) em sonho e que não consegue transcrever, tem paralelo poético numa construção “‘i’t’h’ greater Time-to-be” (v. 10, soneto V), símbolo de plenitude e permanência, tão impossíveis de atingir quanto as linhas que Coleridge esqueceu, mas que sabe que existiram num outro plano – quanto mais se aproxima, mais se furtam ao seu pensamento. Esta será uma possível leitura do pensamento filosófico veiculado no conjunto dos trinta e cinco sonetos.

Ainda no quinto soneto, o sujeito poético explicita que o dia-a-dia lhe retira a possibilidade de atuar sobre o mundo e, assim, ascender a um plano mais elevado, “And I feel beggared of infinity”, (v. 12, soneto V) estabelecendo uma comparação com o casamento com a sua Musa e a construção de um lar através de uma metáfora associada ao dinheiro. Todo o dinheiro que gasta com as necessidades do dia-a-dia – estes interruptores políticos, imprevistos, constantes –, poderia utilizá-lo para casar e construir uma casa com a Musa: união perfeita e absolutamente concretizada entre inspiração e criação filosófica ou poética. Isto reflete-se no ensaio como a concretização plena do ato

7. É visível em todo o ciclo de sonetos uma concetualização excessiva do corpo e da experiência material, em que tudo o que se encontra num plano terrestre é elevado a um plano metafísico e neoplatónico extrassensorial. A este respeito ver Maria Irene Ramalho Santos, “Blindfolded Eyes and the Eyable Being – Pessoa, the senses, and the 35 Sonnets”; “Inside the Mask: The English Poetry of Fernando Pessoa”. *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, nº 10, ISSN: 2212-4179. Rhode Island: Brown University, 2016. 135-150. Disponível em brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/. Consultado em 28 de dezembro de 2025.

da escrita, mas que se dissolve em nada mais que inércia, numa limitação inescapável, mas essencial ao ato expressivo. Tal como “Kubla Khan”, este soneto apenas existe em virtude da impossibilidade de realizar aquilo a que o eu se propõe: no caso de Coleridge, a escrita a partir das imagens e consequentes expressões verbais que lhe aparecem em sonho; no caso do sujeito poético do soneto, a materialização da ação de âmbito mais abrangente através da quebra de uma inércia inelutável. O poeta é, assim, afetado pela interrupção do pensamento e da ação por si próprios, impedindo a comunicação “com o Outro Mundo de nós mesmos”, (Pessoa, “Porlock”) um mundo criador mais elevado, apartado de questões banais.

A fechar o soneto, num dístico epigramático, o eu compara-se a um “true-Christian sinner” (v. 13, soneto V) que pelos seus próprios atos carnavais perde o direito a ascender ao paraíso. Aqui, consubstancia-se a internalização do ato interruptivo, atingindo um plano próximo ao do ensaio – o processo criativo é impedido pelo seu criador: “Esse visitante, – perennemente incognito porque *sendo nós*, não é ‘alguém’; esse interruptor – perennemente anonymo porque, *sendo vivo*, é ‘impessoal’.” (Pessoa, “Porlock”) Repare-se que, à medida a que se assiste a este movimento de interiorização da interrupção em ambos os textos, verifica-se simultaneamente um movimento de generalização da premissa – uma situação particular vai sendo extrapolada em sentido universal, tornando-se, em última análise, programática.

Considere-se adicionalmente uma análise do soneto IX, começando por destacar a temática do sonho a que já se aludiu. Neste poema, o eu refere-se a uma ação⁸ que não existe senão num espaço interior, onírico, espiritual, o “sonho da ação”, que o relega a um estado de ociosidade (“Ever in action’s dream, in the false stress / Of purposed action never act to be.” [vv. 3-4, soneto IX]). Conta-nos Pessoa que Coleridge “compoz o poema surgindo em seu espirito, paralelamente e sem esforço, as imagens e as expressões verbaes que

8. Novamente sem a especificar, atribuindo à composição uma qualidade muito própria do soneto isabelino de transmissão de máximas ou considerações universais.

a ellas correspondiam", ("Porlock")⁹ após um adormecimento derivado da toma de um anódino. Relata o próprio poeta:

The author continued for about three hours in a profound sleep, at least of the external senses, during which time he has the most vivid confidence, that he could not have composed less than from two to three hundred lines; if that indeed can be called composition in which all the images rose up before him as things, with a parallel production of the correspondent expressions, without any sensation or consciousness of effort. (Coleridge 219)

No nono soneto da sequência, este "sonho" corresponde a uma vontade de realização que se manifesta apenas em espírito. No caso de Coleridge, dá-se de facto um adormecimento que permite a composição de um poema que acaba por nunca existir como sonhado, um poema impossível. Na interpretação pessoana, o sonho é símbolo daquilo que não se pode concretizar materialmente, de algo que apenas existe num universo onírico e interior, impossível de realizar ou transcrever, porque não se encontra no plano da ação ou da linguagem. Paradoxalmente, é deste universo interno que surge a interrupção. No soneto, a ação é interrompida pela vontade de agir ("My will to act binds with excess my action" [v. 6, soneto IX]), assim como a "escrita em sonho" (uma ideia desde logo problemática por não entrar no plano da inscrição na qual está sempre presente o atrito) é interrompida pela própria ação da escrita que é, portanto, entrave à expressão:

É que todos nós, ainda que dispertos quando compomos, compomos em sonho. E a todos nós, ainda que ninguém nos visite, chega-nos, de dentro, "o Homem de Porlock", o interruptor imprevisto. Tudo quanto verdadeiramente pensamos e sentimos, tudo quanto verdadeiramente somos, soffre, (quando o vamos exprimir, ainda que só para nós mesmos),

9. É aqui possível identificar uma relação curiosa com o quadro *Dickens' Dream* de Robert William em exposição no Charles Dickens Museum, em Londres. Tal como Coleridge, Dickens compõe em sonho, apartado da secretária, construindo imagens.

a interrupção fatal d'aquelle visitante que também somos, d'aquelle pessoa externa que cada um de nós tem em si, mais real na vida do que nós próprios: – a somma viva do que apprendemos, do que julgamos que somos, e do que desejamos ser. (Pessoa, "Porlock")

Ao contrário do quinto soneto, no soneto IX toda a interrupção é interior. O autor recorre a construções comparativas para demonstrar que a sua inércia deriva de uma incapacidade ontológica de agir sobre o mundo que não é apenas prática ou circunstancial. Compara-se a um animal selvagem ou a um monstro que se enclausurou a si próprio – "Like a fierce beast self-penned in a bait lair" (v. 5) – e a uma pessoa que, pelos seus movimentos, se enterra em areia movediça – "As in one sinking in a treacherous sand, / Each gesture to deliver sinks the more". (vv. 9-10) A concretização é impedida pelo próprio eu, tal como a criação poética é impedida pelo "interruptor improvisto" que "chega de dentro." (Pessoa, "Porlock") A imagem da fera autossitiada representa, desta forma, inércia existencial. O sujeito torna-se vítima consciente das suas próprias limitações, um homem de Porlock profundamente interno que sabotava qualquer tentativa de ação. Este caso revela-se ainda mais grave, uma vez que qualquer ato que considere empreender é imediatamente deitado por terra por si mesmo, situação que o asfixia, conduzindo-o a um estado de insatisfação permanente.

O dístico final concretiza a ideia insolúvel da impossibilidade de atuar. O resultado é uma vida que não é vida, é "vida morta", tal visita do homem de Porlock, que resulta em nada mais que na materialização de "qualquer coisa perdida" (*ibidem*) dia após dia – "Hence live I the dead life each day doth bring, / Repurposed for next day's repurposing." (vv. 13-14, soneto IX)

À parte uma linguagem excessivamente literária ao estilo de Shakespeare, os sonetos parecem transmitir um pensamento embrionário e de teor mais genérico, ao qual Pessoa regressa no ensaio. Segundo Jorge de Sena, os sonetos "importam muito pelo que revelam do poeta Fernando Pessoa (...) e por conterem (...) muitos dos temas, ou praticamente todos, que ele desenvolverá em diversas

direcções." (344) Proponho que uma dessas direcções se agudiza em "O homem de Porlock". Colocando o holofote sobre a criação poética, mas sem nunca deixar de tecer considerações sobre toda a forma de expressão, Pessoa teoriza um pensamento de cariz filosófico: "Para Pessoa, a expressão é por definição defeituosa. Sempre que tentamos exteriorizar o que quer que genuinamente pensemos, sintamos ou sejamos, distrai-nos desse intuito (...) a ideia que fazemos de nós próprios (...)". (Amado 70)

No artigo "O homem de preto", Nuno Amado defende que "a partir de um incidente individual, acontecido a um poeta num contexto particular, Pessoa elabora, portanto, uma teoria geral da arte." (*Ibidem*) Assim sendo, considerando que 35 *Sonnets* desenvolve um pensamento filosófico, é possível reconhecer um novo grau de aproximação entre os sonetos e o ensaio, na medida em que o sentido mais lato de interrupção do pensamento ou da ação, que por sua vez se interrompem a si próprios por questões mundanas do dia-a-dia, "entrava a revelação dos Mystérios" e "estorva uma comunicação entre o abysmo e a vida". (Pessoa, "Porlock") Por conseguinte, não só Pessoa elabora uma teoria geral da arte, como ascende no ensaio a um plano metafísico que é questão absolutamente central em 35 *Sonnets* como teorização filosófica do ser humano enquanto agente no mundo. Esta "revelação dos Mystérios" pode ser interpretada como inspiração ou condição para a criação literária, filosófica, artística ou toda a forma de expressão. A tarefa da alma – "the task / My soul was born to think that it must do" (vv. 5-6, soneto V) – é inerentemente metafísica, filosófica e, conseqüentemente, literária, como o é a "revelação dos Mystérios" ou a "comunicação entre o abysmo e a vida". (Pessoa, "Porlock") Pedro Sepúlveda no estudo acerca do conceito de "fragmento" na obra de Pessoa, também reconhece em "O homem de Porlock" um sentido mais abrangente, "uma dimensão necessariamente fragmentária de qualquer forma expressiva (...)". (84)

Podemos concluir que, nos sonetos e no ensaio, a ação, aceção que abrange a expressão criativa ou artística – a escrita –, nunca se concretiza senão em sonho ou pensamento, tal como o poema de Coleridge, resultando invariavelmente em *disjecta membra*, fragmentos de algo

que nunca foi nem poderá ser, condição eminentemente paradoxal dado que apenas temos acesso a esta conclusão através da materialização em escrita do prefácio de Coleridge, do ensaio e dos sonetos.

Não devemos, no entanto, confundir a fragmentação resultante do fenómeno interruptivo e que se expressa como entrave à ação ou à linguagem, com a fragmentação associada à dispersão material e ao estado de inacabamento de parte da obra de Pessoa, que a crítica tem habitualmente apontado “em sentido material e hermenêutico” como “um tipo de programa poético, que concebe o fragmento como fim necessário”. (*Idem* 81) Apesar de existirem trabalhos críticos que apontam nesse sentido,¹⁰ dados os pontos em comum, trata-se aqui de questões distintas. Na verdade, o estudo do espólio de Pessoa demonstra que a fragmentariedade não era fim, mas estado que atormentava o autor “na concretização de um ideal de organicidade”. (*Idem*, 83) O fragmento é, portanto, “condição da escrita que decorre da sua falta de coincidência com um conjunto perfeitamente delineado”, “objeto de lamento”, mas “incontornável”. (*Idem* 84)

Ainda assim, Pessoa aponta (im)possíveis soluções para a questão. Em “O homem de Porlock” a via apresentada é ser criança, como símbolo de inocência: “Pudéssemos nós ser crianças, para não ter quem nos visitasse, nem visitantes que nos sentíssemos obrigados a attender!”; no soneto IX, “to be idle loving idleness”, (v. 1) não procurar conforto na ação. Claro está que são soluções inalcançáveis, na medida em que estes “*disjecta membra* que (...) é o que fica de qualquer poeta, ou de qualquer homem”, é “o que com todos nós se passa”. (*Ibidem*) A hiperconsciencialização a que Pessoa nos habituou acerca de si próprio, do outro e do mundo reflete a “aguda autoconsciência interruptiva”, (Santos 248) ou ainda “autointerruptiva”, expressa em 35 *Sonnets* e simbolizada pelo “interruptor”.

Contrariamente ao fragmento, a interrupção como condição paradoxal para a criação poética pode ser interpretada como elemento programático na arquitetura da obra pessoana, acrescentando, assim, um novo significado a este conceito que apenas adquire sentido na

10. Cf. nota 3 acerca do estudo de Jerónimo Pizarro (2013).

obra de Fernando Pessoa. Termino, assim, regressando à questão levantada na introdução com a referência à carta sobre a génese dos heterónimos, como nota para se entender a interrupção num plano macroteórico da obra de Pessoa.

Tanto Maria Irene Ramalho de Sousa Santos como Mariana Gray de Castro veem a interrupção como elemento presente na construção da obra como um todo, mais concretamente, na criação dos heterónimos. As autoras defendem que “no Dia Triunfal, houve uma série de interrupções, involuntárias e sucessivas”. (Castro 67) Ou seja, os heterónimos surgem ao autor de toda a obra enquanto se interrompem uns aos outros, interrupção sempre interior, mas impulsionadora de criação:

Pessoa conta tudo. Mestre Caeiro acontece-lhe subitamente (tal como um visitante “impessoal”, “incógnito”, e qual interruptor ou interrupção “fatal”), e logo Caeiro, Campos, Reis, o ortónimo Pessoa e todas as outras pessoas-livros se traduzem na mais ousada encenação da interrupção como estratégia poética. (Santos 249)

Seja pela pressão do mundo externo (o interruptor político) que impede a ação no soneto V, seja pela autoconsciência paralisante que aprisiona e angustia o eu no soneto IX, ou ainda pela figura do homem de Porlock, símbolo sintetizador de internalização, a interrupção torna-se chave para a criação até da obra heterónima:

Além disso, os poemas dos heterónimos são fragmentos do todo que é a obra pessoana, criados pelos homens de Porlock que são os próprios heterónimos. Estes, por sua vez, e bem como os poemas a eles atribuídos, são *dissecta membra* do Pessoa de carne e osso. (Castro 68)

Assim, este conceito parece edificar-se em matriz estrutural e criativa, revelando-se em Fernando Pessoa não apenas como um obstáculo inevitável, mas como uma condição essencial para a criação poética. À medida que se verifica um movimento de internalização, nota-se também, de forma complementar e antitética, um movimento de generalização, dado que o autor vai tecendo considerações

em direção a todos os poetas, todos os homens. Os jogos de comparações antitéticas exploradas até ao limite em 35 *Sonnets* perpassam “O homem de Porlock” através da construção de uma alegoria paradoxal motivada pela história de Coleridge. Tal como os dísticos finais dos sonetos transmitem máximas ou ensinamentos universais, o ensaio teoriza uma condição que afeta todos os homens conscientes de si mesmos e do mundo.

Longe de representar mera limitação de expressão ou linguagem, a interrupção é elevada a condição, visível também na génese dos heterónimos, que surgem enquanto se interrompem mutuamente e assumem um carácter fragmentário na sua relação com o todo. Posto isto, a interrupção é matriz criativa, onde cada fragmento carrega a impossibilidade de um todo inalcançável, mas eternamente procurado, “daí que o fragmentário em Pessoa não seja contingente e fortuito, mas a marca textual de uma interrupção sistémica.” (Martins 125)

Em síntese, se aceitarmos que a interrupção designa uma condição que torna todo ato de pensamento e de escrita vulnerável à concretização plena, mas que simultaneamente permite a constituição material de um objeto, entendemos que Fernando Pessoa opera uma dupla transformação. Primeiro, interioriza o interruptor – o que era exterior em Coleridge passa a residir no sujeito – e, noutro plano, converte essa experiência em estrutura poética: aquilo que impede a realização plena do objeto poético é também o que possibilita a sua multiplicidade e fecundidade formal.

Obras Citadas

Amado, Nuno. “O homem de preto”. *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 9. 2022: 63-85.

Disponível em estranharpessoa.com/nmero-9. Consultado em 3 de janeiro de 2025.

Castro, Mariana Gray de. “Pessoa, Coleridge, homens de Porlock e dias triunfais: sobre génio, inspiração, interrupção e criação poética”. *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 1, 2016: 58-70. Disponível em estranharpessoa.com/nmero-1. Consultado a 27 de dezembro de 2024.

- Coleridge, Samuel Taylor. "Kubla Khan: Or, A Vision in a Dream". *The Poetical Works of S. T. Coleridge*. Biblioteca Particular de Fernando Pessoa, Casa Fernando Pessoa. Londres: W. & G. Foyle, 1893. 219-221. Disponível em bibliotecaparticular.casafernandopessoa.pt/8-117/1/8-117_item1/index.html. Consultado a 7 de janeiro de 2025.
- Martins, Fernando Cabral. "Modos de escrita em Pessoa". *Atas Congresso Internacional Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, 2021. 124-129.
- Pessoa, Fernando. *Poemas Ingleses*. Vol. V, Tomo I, Edição Crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa. "Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna". *Veredas: Revista – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Vol. 3, Tomo I. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000: 235-253. Disponível em revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/270/269. Consultado em 2 de janeiro de 2025.
- Sena, Jorge. "Jorge de Sena responde a três perguntas de Luciana Stegagno Picchio sobre Fernando Pessoa". *Fernando Pessoa e C^a Heterónima (Estudos Coligidos 1940-1978)*, 3.^a ed., Obras de Jorge de Sena. Lisboa: Edições 70, 2000. 331-346.
- Sepúlveda, Pedro, Ulrike Henny-Krahmer e Jorge Uribe (eds.). "O homem de Porlock." *Edição Digital de Fernando Pessoa. Projetos e Publicações*. Lisboa/Colónia: IELT/CceH, 2017-2024. Versão A3.0.0-C2.1.1 pessoadigital.pt/pub/Pessoa_O_homem_de_Porlock/diplomatic-transcription DOI: 10.18716/cceh/pessoa. Consultado em 20 de dezembro de 2025.
- Sepúlveda, Pedro. "Fragmento". *Ostensivo e Reservado – Leituras de Pessoa*. Col. PESSOANA, série Ensaios. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2024. 67-87.